

Desenhos e mapas: Uma contribuição aos estudos migratórios

Maria Aparecida de Moraes Silva*
Beatriz Medeiros de Melo**

Resumo: O texto visa contribuir aos estudos migratórios sob a ótica de duas experiências metodológicas relativas à História Oral. A primeira experiência se reporta a uma pesquisa desenvolvida com crianças, filhas de trabalhadores rurais migrantes temporários do Maranhão para os canaviais paulistas na região de Ribeirão Preto. A segunda é um resultado da pesquisa com migrantes nordestinos permanentes para a cidade de Ibaté/SP, pertencente à mesma região.

Palavras-chave: migrações; metodologia; trabalhadores rurais migrantes.

Situando o problema

O objetivo deste texto é, a partir de duas experiências de investigação, contribuir para as reflexões teórico-metodológicas dos estudos migratórios. Desde há vários anos, temos procurado desenvolver novas metodologias no interior do Grupo de Pesquisa, Terra, Trabalho, Memória e Migração,¹ com ênfase na metodologia da História Oral e na reflexão analítica que busca relacionar micro e macro estruturas, indivíduo e sociedade, texto e contexto. Levamos em conta as distintas realidades sociais encontradas, algumas das quais relacionadas aos temas migratórios: Godoi (2007);² Bandini (2008);³ Silva et al. (2007).

No que tange ao migrante, muitas vezes, os estudos sociológicos e demográficos o consideram como categoria analítica, abstrata, sob a rubrica dos fluxos migratórios ou deslocamentos de populações. Nossa preocupação é a de considerar o migrante sob duas óticas: inicialmente, pode tratar-se de um (a) trabalhador (a) produzido no bojo de determinadas relações sociais, que, muitas vezes, resultam de processos de violência e expropriação. Esta situação remete à análise das condições históricas responsáveis por estes processos. Por outra perspectiva, o migrante insere-se numa realidade social, definida por laços sociais (familiares, grupos de vizinhança, valores, ideologias etc.), que o caracterizam como pertencente a um determinado

Abstract: The text aims to contribute to the migratory studies under the optics of two methodological experiences related to Oral History. The first experience reports itself to a research developed with the children of rural workers, temporary migrants from Maranhão to the São Paulo sugar cane cultures in the region of Ribeirão Preto/SP. The second is the result of a research with northeastern permanent migrants to the city of Ibaté/SP, pertaining to the same region.

Key words: migration; methodology, rural migrant workers.

espaço social e cultural. Portanto, a denominação abstrata de migrante esconde o conjunto de situações concretas e particulares, que definem sua identidade individual e social. Estas duas perspectivas conduzem às reflexões, segundo as quais, os fatores econômicos não são os únicos a ser levados em conta na análise da migração e dos migrantes. Além da categoria analítica, urge considerar a categoria histórica referente ao migrante. Portanto, nossa preocupação recai sobre o migrante, historicamente produzido no contexto de relações sociais, e não sobre as migrações, entendidas enquanto fluxos de deslocamentos espaciais e temporais.

Desta sorte, os (as) que partem fazem parte do conjunto do (as) que ficam. Partir e ficar são faces de uma mesma realidade social, que, embora dividida no espaço, acha-se unida no tempo. Tempo de partir para uns é, simultaneamente, tempo de ficar para outros. Portanto, produz-se uma simbiose entre o tempo uno, cindido em dois espaços. É evidente que as relações produzidas neste contexto social não podem ser consideradas meramente como complementares, ou como estratégias de sobrevivência. Torna-se necessário compreender tais relações como contraditórias, onde conflitos, perdas, separações, mortes associam-se aos reencontros, às voltas, às (re)significações culturais etc.

Ao invés dos modelos de deslocamentos de população, sugerimos a análise da migração, enquanto um acontecimento histórico que atinge os (as) que

* Professora livre-docente da UNESP. Colaboradora do PPG/Sociologia da UFSCar e do PPG/Geografia/UNESP/Presidente Prudente. Pesquisa financiada pelo CNPq. E-mail: maria_moraes@terra.com.br

** Doutoranda do PPG/Sociologia/UFSCar. Apoio FAPESP. Email: beatrizmmelo@yahoo.com.br

¹ Grupo cadastrado no CNPq, sob a coordenação de Maria Aparecida de Moraes Silva.

² GODOI, Stella. C. *A roça e o aço: as experiências e as resistências operárias no Brasil Moderno (1954-1964)*. 2007, 220f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

³ BANDINI, Claudirene. A. *Costurando certo por linhas tortas: um estudo das práticas femininas no interior das convenções sociais*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, 2008.

partem e os (as) que ficam, constituído por elementos objetivos, estruturais, ideológicos, culturais e subjetivos, visto sob a ótica das organizações sociais de classe, gênero e raça/etnia. Para dar conta desta interpretação, o uso da metodologia da história oral - entrevistas, depoimentos, histórias de vida, estudos e mapas de trajetórias, registros visuais, desenhos de crianças – tem possibilitado o entendimento do processo migratório enquanto resultante da dialética entre estrutura e sujeito, tal como já foi apontado em outros trabalhos.⁴

No âmbito deste texto, optamos por apresentar os achados de duas investigações espaço-temporais distintas, levadas a cabo nos últimos anos,⁵ considerando os sujeitos que ficam e os que partem. A fim de facilitar a exposição, a análise será dividida em duas seções abrangendo as duas experiências de pesquisa: a análise dos desenhos de crianças maranhenses cujos pais migram temporariamente para a região canavieira paulista de Ribeirão Preto/SP, e dos mapas de trajetórias com migrantes permanentes dos estados do nordeste para a cidade de Ibaté/SP, pertencente à mesma região.

A primeira experiência ocorreu nos meses de março e abril de 2007, quando foi realizada a pesquisa empírica em dois bairros periféricos da cidade de Timbiras, localizada na chamada região dos cocais maranhenses. Uma das indagações da pesquisa dizia respeito ao trabalho e à vida das mulheres, que ficam separadas de seus maridos ou filhos durante nove meses ao ano. Aos poucos, foram emergindo novas questões investigativas, a saber: muitas mulheres migram com seus maridos, filhos ou netos; outras, sobretudo as avós, se encarregam do cuidado dos netos enquanto suas filhas e noras partem. As crianças, aos poucos, foram aparecendo neste universo migratório, quer seja por meio do trabalho com as mães e ou avós, quer seja acompanhando a família para a região canavieira de Ribeirão Preto/SP. A fim de dar voz às crianças, como sujeitos, foram colhidos 51 desenhos de crianças das primeiras séries do ensino fundamental sobre a representação da região de Ribeirão Preto e a família de pertencimento.⁶ Nos meses de agosto, setembro e outubro do mesmo ano foi realizada a pesquisa na cidade de Guariba/SP onde há um grande número de migrantes de Timbiras/MA acompanhados de suas mulheres, filhos, irmãs, mães e primas. No mês de dezembro de 2008, foi

realizada uma “oficina de bonecas de pano” com nove mulheres em Guariba/SP já entrevistadas anteriormente, e colhidos 10 desenhos de crianças sobre a família e a cidade de destino.

A segunda experiência se reporta à análise das trajetórias de nordestinos para o corte da cana em São Paulo na cidade de Ibaté-SP, também localizada na região administrativa de Ribeirão Preto, onde obtivemos matéria para a compreensão da configuração e dinâmica dos territórios dos migrantes, constituídas entre as idas e vindas pelo território nacional. Tal investigação foi realizada para a obtenção do título de Mestre em Geografia, entre os anos de 2005 e 2008.⁷

A particularidade da concepção dos mapas de trajetória está no fato de ter sido compreendida na interface de duas áreas de conhecimento, a sociologia e a geografia. Neste universo, no interior do PPG em Geografia de Presidente Prudente, pudemos entrar em contato com preocupações metodológicas semelhantes, que vieram ao encontro das experiências desenvolvidas por nosso grupo de pesquisa. Trata-se de trabalhos preocupados em discutir metodologias qualitativas com o intuito de questionar os princípios e usos da Cartografia Temática.⁸ Buscamos, então, a partir do contato com tais estudos, trazer contribuições do olhar geográfico, seus métodos e suas teorias, para o aperfeiçoamento da cartografia do movimento migratório, um dos instrumentos para a compreensão da trajetória e do território, sob a ótica dos sujeitos envolvidos.

Os mapas confeccionados foram agrupados segundo as diferentes tipologias de migrantes: sazonais, permanentes e circulares. Referem-se às trajetórias (individuais ou familiares) de nove dentre os cerca de 30 migrantes nordestinos entrevistados para esta pesquisa, todos moradores dos bairros Cruzado I e II, da cidade de Ibaté/SP, *locus* privilegiado da investigação por ser definido pelos próprios moradores do lugar como uma verdadeira “colônia nordestina”. Os mapas (a materialização das trajetórias) e as narrativas recolhidas nos ajudaram a recompor o *território migratório*⁹ destes sujeitos em sua totalidade, compreendido como um espaço significativo e organizado, constituído por tessituras, nós e redes e mobilizado pelas relações sociais mantidas entre os que partem e os que ficam, pela circulação material e imaterial. No estudo realizado nesta

⁴SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MELO, Beatriz Medeiros; APPOLINÁRIO, Andréia Peres. op. cit; SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Oswaldo. (Orgs). *Estudos Migratórios. Perspectivas Metodológicas*. São Carlos, EDUFSCar, 2005. SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MENEZES, Marilda Aparecida. Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões. Disponível em: <http://www.nead.org.br/memoriacamponesa/arquivos/leitura/>, 2007.

⁵A pesquisa de Maria Aparecida de Moraes Silva, com apoio do CNPq, foi desenvolvida nos lugares de origem dos migrantes maranhenses, os municípios de Timbiras e Codó, situados na região dos cocais, e na região de Ribeirão Preto/SP para onde se destinam. A pesquisa de Beatriz Medeiros de Melo situa-se no contexto da dissertação de Mestrado, defendida no PPG/Geografia/UNESP/PP.

⁶O trabalho de coleta e organização das fichas dos desenhos foi realizado pela bolsista de Apoio Técnico (AT) do CNPq, Andréia Peres Appolinário. As crianças pertenciam às primeiras séries do Ensino Fundamental da Escola Municipal José Sarney.

⁷MELO, Beatriz Medeiros. *Migração, memória e território: o trabalhador rural nordestino em Ibaté paulista*. 2008. 221 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

⁸GIRARDI, Eduardo. P. *Proposições teórico-metodológicas de uma Cartografia Geográfica Crítica e sua aplicação no desenvolvimento do Atlas da Questão Agrária Brasileira*. 349f, 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. MARTINUCCI, Oséias da Silva. *Circuitos e modelos de desigualdade intra-urbana*. 180 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

cidade pudemos perceber a constituição destes territórios por diferentes caminhos: por meio da mobilidade espacial mantida para visitas, ajuda mútua em caso de doença ou outras dificuldades; na circulação de móveis, automóveis, presentes e comidas típicas pelos ônibus de viagem que circulava semanalmente pelo bairro; pela frequência dos contatos mantidos com dificuldade por telefone e ainda mais raramente por carta; pela circulação de diversos sentimentos entre aqueles que partem e os que ficam. Nos limites deste texto não problematizaremos todas as questões tratadas pela pesquisa, mas trataremos dos fundamentos teóricos que sustentaram a metodologia utilizada.

A (outra) Ribeirão nos desenhos das crianças de Timbiras/MA

A partir de meados do século passado com o declínio da atividade cafeeira, surgem as grandes usinas de açúcar e álcool, na macro-região de Ribeirão Preto, demandantes de grande quantidade de mão-de-obra. Ademais dos trabalhadores locais, os chamados bóias-frias, a presença dos migrantes, provenientes do norte de Minas Gerais e dos estados do nordeste,¹⁰ passou a definir o conjunto das migrações temporárias,¹⁰ uma vez que a grande maioria dos migrantes era empregada apenas nos períodos da colheita da cana e outros produtos agrícolas como o café e laranja. Nos finais da década de 1990, com o aumento das áreas de cana em função da produção do etanol, houve uma mudança da *cartografia migratória* para esta região, por meio da vinda de trabalhadores provenientes do Maranhão e Piauí. Em outro trabalho,¹¹ analisamos as causas da migração de trabalhadores destes dois estados, relacionadas ao avanço da sojicultura e pecuária, atividades empreendidas por grandes empresas responsáveis pelo processo de expropriação dos camponeses (moradores, posseiros, foreiros). Muitos deles passam a viver nas periferias das cidades, “as ruas”, sem condições de trabalho e, portanto, de sobrevivência. A saída é migrar para outras áreas do estado (carvoarias, garimpo) ou para os canais de Ribeirão Preto.

Como foi dito acima, nosso intuito era captar além das vozes dos adultos, as das crianças envolvidas neste processo migratório. Ouvir as vozes das crianças, geralmente, alijadas da análise sociológica, em geral

adultocêntrica, é um desafio para a compreensão da realidade social.¹² Consideramos as crianças como sujeitos sociais, que possuem outras formas de expressão, sendo o desenho, uma delas. Acreditamos assim que algumas lições podem ser tiradas destas vozes. A realidade migratória é sentida tanto pelos que partem como pelos que ficam. Os espaços de origem e de destino, distantes em milhares de quilômetros, são unidos pelo tempo que, embora cindido pelas imposições das estruturas sociais, acaba por transformar-se num mesmo tempo, tanto para quem parte quanto para quem fica. Assim, os que ficam têm seus cotidianos marcados pela espera dos que partem e estes, por sua vez, somente suportam as durezas do trabalho porque esperam pela volta, pelo retorno. Como foi dito acima, as crianças não estão ausentes deste processo. Ou elas estão nos locais de origem ou elas partem com suas respectivas famílias. A questão investigativa é permitir que estas pequenas vozes cheguem à superfície. Como elas vêm a partida, como elas sentem a ausência do pai e/ou da mãe. Como elas imaginam “Ribeirão”, chamada a região de destino dos que partiram.

Como foi mencionado, a coleta dos desenhos se verificou em dois momentos e nos dois espaços – Timbiras/MA e Guariba/SP. Após os contatos iniciais, foram distribuídas a cada criança uma folha de papel *sulfite* e uma caixa de lápis de 12 cores. Solicitamos-lhes que desenhasse de um lado da folha as respectivas famílias e do outro lado, “Ribeirão”. Assim que os desenhos iam sendo coletados, as crianças faziam a *leitura* dos mesmos, cujos conteúdos eram anotados pelas pesquisadoras nas *fichas*. Estas *fichas* contêm as seguintes informações: nome da criança, idade, etnia, ocupação dos pais, nomes e papéis das pessoas representadas nos desenhos, além de informações coligidas pelas entrevistas com os demais informantes e das observações acerca do comportamento da criança durante a atividade. As interpretações dos desenhos das crianças podem ser analisadas segundo os conteúdos expresso e latente. O primeiro se baseia na *leitura* do desenho feito pela criança. O conteúdo latente exige o conhecimento do contexto social no qual a criança se acha inserida.

A combinação das diversas técnicas de pesquisa descritas acima foi um instrumento importante à análise

¹⁰FARET apud FLORES, Sara María Lara. Control del espacio y territorialidad en las migraciones rurales. Um ejemplo en el caso de México. In: *VII Congresso Latino-Americano de Sociología Rural*, 2006, Quito. *Anais eletrônicos do VII Congresso Latino-Americano de Sociología Rural*. Recife: UFPE, 2006. Disponível em: <<http://www.alasru.org/cdaldasru2006>>. Acesso em: 14/02/2006.

¹¹SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. Edunesp, 1999; SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *As Andorinhas*. Nem cá. Nem lá. Vídeo, UNESP/Araraquara, 1991.

¹²SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Expropriação da terra, violência e migração: camponeses maranhenses no corte de cana-de-açúcar. *Cadernos CERU*, série 2, v. 19, n. 1, junho de 2008, p. 165-180.

¹³As referências seguintes se constituem em exceção a estas interpretações: FREITAG, Bárbara. *Sociedade e consciência*. Um estudo piagetiano na favela e na escola. São Paulo: Cortez, 1984 (Coleção educação contemporânea); DEMARTINI, Zeila Brito Fabri. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart et al. (Orgs.). *Por uma cultura da infância*. Campinas: Autores associados, 2002, p. 1-18; GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart et al. (Orgs.). *Por uma cultura da infância*. Campinas: Autores associados, 2002, p. 69-92; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. *Terra de pretos, terra de mulheres*. 1ª edição. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1996; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Infância e velhice: desafios da multiculturalidade. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes (Org.). *Infância e velhice*. Campinas: Alínea, 2003; KOSMINSKY, Ethel Volzfson. “Aqui é uma árvore. Aqui é o sol, a lua. Aqui um montão de guerra”: o uso do desenho infantil na Sociologia. *Cadernos CERU*. Série 2, n. 9, 1998, p. 83-100.

dos desenhos no contexto da realidade social das crianças *vis-à-vis* a leitura dos conteúdos manifesto e latente,¹³ por meio das entrevistas com as mães, avós, professoras e também da observação direta realizada durante a pesquisa.

A leitura do conjunto dos conteúdos manifestos dos desenhos das crianças revela uma imagem bem diferente daquela propalada pela ideologia do chamado agro-negócio da região de Ribeirão Preto, considerada a capital mundial do etanol. Ao invés da riqueza, da pujança das máquinas e da tecnologia expostas nas vitrines das *Agrishows*, realizadas todos os anos, dos bilhões de litros de etanol, dos milhões de sacas de açúcar, os cenários retratados pelas crianças, filhas dos migrantes maranhenses eram outros, quais sejam: a cana foi desenhada, em alguns casos, à semelhança do milho, o que revela um desconhecimento da criança em relação a esta planta. A estrada com traços bem fortes em preto, simbolizando o asfalto, é comum a vários desenhos. O ônibus, levando pessoas com rostos tristes às suas janelas. Os cortadores no meio da cana, com os facões, pintados em cor preta. Aparecem em muitos desenhos, os barracos (assim denominados pelas crianças), locais de moradia de seus parentes em “Ribeirão”. Às vezes, figuras, também pintadas em preto, estão no interior dos barracos. Em muitos desenhos, as canas estão ao lado dos barracos.

Uma primeira análise dos desenhos pode indicar alguns pontos à análise: a cor preta, ao invés da utilização de outras cores, revela o aspecto sombrio das cenas e do cenário onde atuam os migrantes. A natureza (sol, lua, nuvens, pássaros, borboletas) geralmente presente nos desenhos infantis, aqui está ausente ou aparece de forma “triste”. Num desenho os “olhos do sol” são tristes, parecem chorar. A cana não representa a natureza, ela é a planta da usina. O fato das canas estarem ao lado dos barracos é um indicador da realidade dos trabalhadores, pois suas moradias se situam ou no interior dos canaviais (os alojamentos), ou nas periferias das cidades pequenas da região, cercadas pelos canaviais. O ônibus tem um significado muito forte, pois, é o meio de transporte que conduz os trabalhadores até os locais de trabalho, e, é por meio dele, que as crianças assistem à partida de seus parentes para uma viagem, cuja duração é em torno de oito meses a nove meses ao ano.¹⁴ Talvez seja esta a razão deles ocuparem boa parte do espaço da folha de papel. Em outros desenhos, nota-se também que as canas estão desenhadas ao lado de suas próprias casas no Maranhão, portanto no mesmo espaço.

No que tange aos desenhos das famílias, o conteúdo manifesto revela as seguintes características: as pessoas da família incluem não somente os membros

nucleares como também os avós, os tios, os primos e até mesmo os vizinhos. Em alguns desenhos não aparecem os pais e nem as mães. As casas são desenhadas em cores fortes como o azul, verde, vermelho, amarelo. As pessoas ora aparecem fora da casa, ora no seu interior. O cenário inclui árvores, plantas, flores, a palmeira do coco babaçu, enfim, a natureza. Muitas crianças desenharam os dois espaços - Timbiras e “Ribeirão” - na mesma folha, este representado pelo ônibus ou pela cana. Outras desenharam a casa com os familiares, exceto os pais que aparecem no verso, em “Ribeirão”, nos barracos. Alguns desenhos mostram apenas a casa e as pessoas que estão em Ribeirão foram apagadas à borracha. Fica muito claro em vários desenhos a separação espacial dos membros da família. Os que estão em “Ribeirão” sempre aparecem com o rosto triste, no interior dos barracos ou no meio das canas. Em alguns somente aparecem as casas, sem as pessoas, tanto num espaço quanto noutro.

No tocante às crianças que estavam com os pais em Guariba, as representações sobre este espaço não incluem a cana, o ônibus e a estrada. Aparecem apenas os barracos e as pessoas. Na maioria dos desenhos destas crianças sobre o Maranhão aparecem elas mesmas e as pessoas que estão em Guariba. Este dado é um indicador da não separação dos membros da família nuclear sob a ótica das representações. O local de origem aparece como o lugar da família que migrou. Apenas algumas crianças pintaram a casa e as pessoas que lá ficaram como os tios e avós. Em outros desenhos a casa no Maranhão aparece no centro da folha, ladeada a direita pelos adultos e a esquerda pelas crianças. Este é outro indicador da separação dos membros da família, elemento constituinte desta experiência migratória que atinge milhares de pessoas da cidade de Timbiras.¹⁵

Nos limites deste texto, não é possível uma análise do conteúdo latente individual dos desenhos, cujas representações são muito ricas à compreensão desta realidade bem como seus efeitos sobre o processo de socialização das crianças. Todavia, teceremos algumas reflexões levando-se em conta os dois processos concomitantes – sociogênese e psicogênese - que atingem as pessoas desta realidade social, priorizando as representações das crianças contidas nos desenhos. Reiteramos nossa preocupação em captar as relações entre estrutura e sujeitos *vis-à-vis* a dinâmica histórico-social. Os autores seguintes fornecem subsídios importantes a esta perspectiva analítica.

Ao definir o processo civilizatório, Elias argumenta que a ação civilizadora não acontece na esfera das idéias ou da ideologia tão-somente. Ao contrário, as transformações atingem toda a constituição humana, incluindo a psique:

¹³LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp/Fapesp. (Texto & Arte, vol. 9), 1993.

¹⁴Muitos pais e mães afirmaram que, em se tratando das crianças de até cinco anos, é comum, quando os pais regressam, elas não o reconhecerem. Muitas choram, outras se escondem julgando estarem diante de desconhecidos. Por esta razão, muitas mães ou outras cuidadoras levam as crianças, aos domingos, aos postos de telefonia, quando os pais entram em contato com as respectivas famílias, para que elas falem com os pais, ouçam suas vozes, a fim de não olvidarem-lhes.

¹⁵Estima-se que mais de sete mil trabalhadores deste município migraram para a região de Ribeirão Preto no ano de 2007.

(...) para entender e explicar o processo civilizacional, é necessário examinar (...) tanto a transformação das estruturas psíquicas como a das estruturas sociais. É uma tarefa que exige, num âmbito mais restrito, uma investigação psicogenética com o objetivo de compreender todo o campo de ação e de conflito das energias psíquicas individuais, a estrutura e a forma do auto-comando mais instintivo, tanto quanto o do mais consciente. Num âmbito mais alargado, é necessário um estudo sociogenético, uma investigação de toda a estrutura de um certo campo social e da ordem histórica em que se processa a sua transformação.¹⁶

As reflexões eliasianas fornecem pistas importantes à análise das representações das crianças sobre o processo migratório do qual fazem parte. Desde a mais tenra idade, elas passam a conviver com a separação dos pais, com a partida deles para um lugar distante, com o sofrimento vivenciado pelas pessoas que ficam à espera de notícias e do dinheiro enviado, sem o qual não conseguiriam sobreviver. Praticamente todos os depoentes afirmaram que migram visando garantir o sustento dos filhos e um futuro melhor para eles, além de conseguirem comprar uma casa. Portanto, as crianças são socializadas para aceitarem a migração dos pais como algo necessário em suas trajetórias de vida. Assim sendo, aos poucos, vai ocorrendo o processo de moldamento psíquico concomitante às transformações sociais. Torna-se evidente que este não é um processo pacífico. Ademais do sofrimento dos adultos causado pela separação da família, as crianças também a sofrem, quer por meio do choro no momento da partida dos ônibus clandestinos que transportam os trabalhadores, momento dramático vivenciado por todos, quer por meio de mudanças de comportamento na escola ou em casa, segundo vários relatos de professoras e mulheres responsáveis pelo cuidado das crianças - avós, madrinhas, mães, vizinhas, tias.

Ao analisar a obra de Baudelaire, Walter Benjamin¹⁷ estabelece uma relação entre a análise marxiana da produção industrial coisificada, uniforme e as críticas feitas à multidão nas ruas das grandes cidades por Edgard Poe. Para Poe, um dos traços da multidão é a uniformidade manifesta na indumentária, no comportamento e nos gestos. Para este escritor, todo o trabalho com a máquina exige um adestramento prévio do operário.

Bachelard¹⁸ ao refletir sobre a importância da casa afirma que ela não é apenas um abrigo material, porém um abrigo das lembranças, dos sonhos e da imaginação.

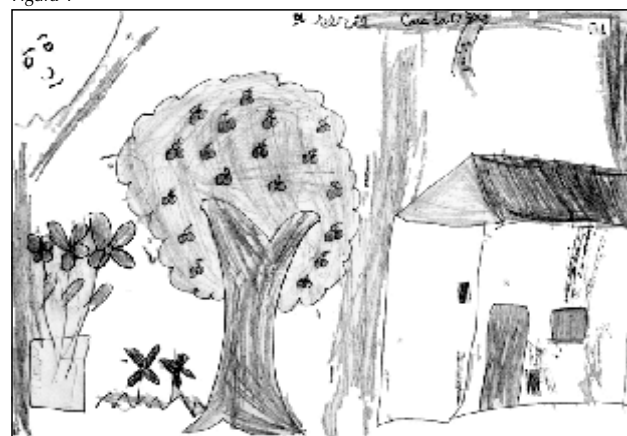
Sem ela (a casa), o homem seria um ser disperso. Ela segura o homem através das tempestades do céu e das

tempestades da vida. Ela é corpo e alma. Ela é o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser 'lançado ao mundo' (...), o homem é depositado num berço de uma casa. E sempre, em nossos sonhos, a casa é um grande berço (...) (p. 26). (Tradução de MAMS).

Estas reflexões são ferramentas importantes à análise das representações das crianças. Do conjunto dos desenhos coletados em Timbiras, escolhemos o de uma menina, Natasha, de oito anos de idade (figuras 1 e 2). O desenho é colorido com o traçado forte. A criança desenhou sua própria casa na frente da qual há uma árvore com frutos e um vaso com flores; no alto, aparecem as figuras do sol e da lua. O desenho ocupa toda a folha. No verso, ela desenhou seus tios com facões nas mãos cortando algumas canas pintadas de duas cores, amarelo e verde. As figuras dos tios não são pintadas, apenas desenhadas. Neste desenho não aparecem o ônibus e nem o barraco onde vivem. A expressão dos rostos é de tristeza e os tios estão separados pelas canas. A natureza está ausente, exceto o sol.

No que tange às casas na periferia de Timbiras, onde residem as famílias dos migrantes, a grande maioria delas é de sapé, coberta com folhas da palmeira do babaçu, cuja forma é tal qual foi retratada no desenho. Os quintais das casas são grandes e possuem muitas árvores frutíferas. Em razão desta cidade se situar na região dos cocais maranhenses, os camponeses, que vivem na área rural, e aqueles que, após a expropriação foram para a "rua", constroem a casa com materiais extraídos da natureza: barro, madeira e folhas da palmeira. Ainda que a casa real seja muito pobre, ela é desenhada segundo a imaginação e os sonhos da criança. Uma análise etnocêntrica poderia considerar estas casas como barracos, algo que não corresponde aos relatos e nem aos desenhos. Ao contrário, embora as casas onde os migrantes são abrigados nas periferias das cidades da região de Ribeirão Preto sejam de alvenaria, elas recebem a denominação de barracos, denominação pejorativa.

Figura 1



¹⁶ELIAS, Norbert. *O processo civilizacional*. 2ª. V. Lisboa: Dom Quixote, 1990, p. 231.

¹⁷BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire*. Um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas. V. III. 3ª. Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 125.

¹⁸BACHELARD, GASTON. *La poétique de l'espace*. Paris: Presses Universitaire de France, 1957.

Figura 2



Em relação aos desenhos coletados em Guariba, selecionamos o de uma menina de seis anos, Samira (figuras 3 e 4). No desenho do Maranhão (figura 3) aparecem as pessoas da família, porém a casa separa os adultos e as crianças. Nota-se que a casa é grande ao contrário daquela de Guariba. A leitura feita pela criança revela que a “tia” desenhada na figura 4, não reside em Guariba e sim no Maranhão. A “tia” aparece entre a casa e as canas. Observa-se que a casa é muito pequena quase da altura da “tia”. No alto, sol e nuvens.

Figura 3

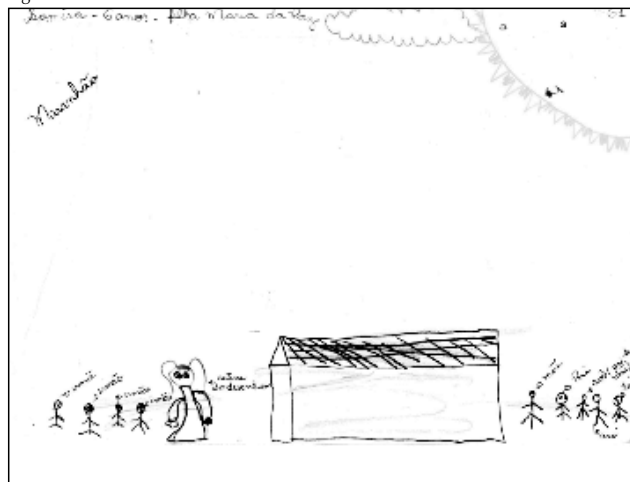
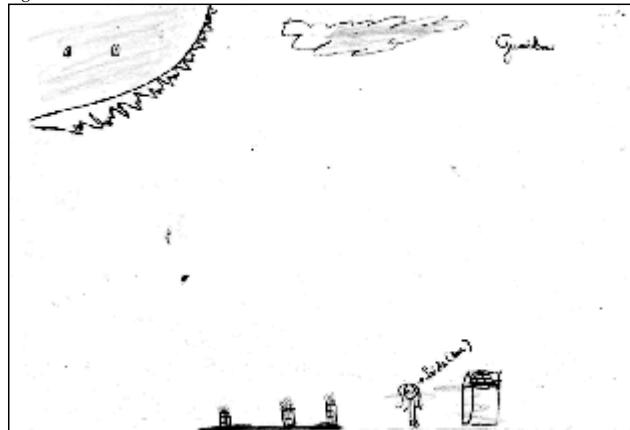


Figura 4



Retomando as considerações de Elias, Benjamin e Bachelar, acreditamos que as representações das crianças refletem o processo de socialização (civilizatório) marcado pelas conseqüências da migração dos membros de suas famílias. As idas e vindas, as separações, a perda da condição camponesa, as incertezas diante das dificuldades laborais dos pais, o medo da fome são situações que fazem parte da vida social e psíquica destas crianças. Aos poucos, vai ocorrendo o processo de modelamento psíquico provocado pelo contexto social. Os sujeitos crianças vão aos poucos sendo preparados para o enfrentamento das condições sociais e laborais futuras. Reiteramos que este processo não é pacífico, ele envolve conflitos, resistências conscientes e inconscientes. A figura 4 representada pelo desenho da “tia” que está virtualmente no mesmo espaço da criança revela que o real e irreal são faces desta mesma realidade. Realidade vivida e imaginada ao mesmo tempo, onde os ausentes se fazem presentes e os separados se unem.

Em seguida, passamos à análise da segunda experiência metodológica.

Mapeando as andanças dos migrantes

Foi no decurso da pesquisa realizada em Ibaté-SP que pela primeira vez experimentamos mapear as trajetórias de migrantes de modo mais sistemático. Foi o momento em que nos atentamos para a necessidade de refletir sobre a diversidade da experiência migratória, que, descobríamos, assumia formas outras além daquela sazonal, sempre mais evidente no quadro dos grandes fluxos migratórios mobilizados em função do agrogênio. Definido o projeto de analisar as trajetórias migratórias e seus sentidos, buscamos, então, o auxílio da Geografia, dos estudos cartográficos e das discussões sobre o processo de territorialização.

Pensávamos em construir esquemas que visualmente nos possibilitassem analisar a intensidade dos fluxos, suas direções, e, ao mesmo tempo, transmitir informações substantivas sobre cada ponto da trajetória, como aquelas que se remetem ao trabalho e a família. Afinal, reconhecíamos a insuficiência de um estudo sociológico sobre a migração que tomasse como ponto de partida tão somente trajetórias individuais, destituídas de vínculos propriamente sociais.

Tal clareza nos foi tomada, sobretudo, dos estudos de Battagliola e Bourdieu. Para aquela a *trajetória social* é entendida como o “o encadeamento temporal das posições sucessivamente ocupadas pelos indivíduos nos diferentes campos do espaço social”,¹⁹ já que o indivíduo é entendido como um sujeito que “ocupa simultaneamente várias posições, resultantes notadamente de seus lugares nos campos profissional e

¹⁹BATTAGLIOLA, Françoise. (Org). *Entre travail et famille*. La construction social des trajectoires. CSU, Iresco-Cnrs, 1991, p. 3.

familiar”.²⁰ Em oposição à trajetória individual, portanto, esta outra procura reunir espaço doméstico e espaço produtivo ou profissional numa mesma análise. O que quer dizer, que uma análise da trajetória a partir de um indivíduo, além de levar em consideração a trajetória laboral (escolha comum entre os estudos que analisam fluxos migratórios), deve sempre levar em consideração a trajetória familiar, posto que é, inevitavelmente, produto também da dinâmica das relações de força que frequentemente recompõem o grupo familiar e reorganizam ações e disposições individuais.

Esta concepção se aproxima daquela de Bourdieu sobre as *disposições* ou *posições sociais*, marcadas pelo princípio relacional, definidas como “as escolhas que os agentes sociais fazem nos domínios mais diferentes da prática”.²¹ Tal como em Battagliola, trata-se de uma escolha teórico-metodológica que procura fugir a uma concepção estruturalista, que reduz os agentes ao papel de suporte, sem, no entanto, percorrer o caminho de uma análise puramente subjetivista, que tende a uma filosofia do sujeito e da consciência. Muito além disso, procuramos inserir os sujeitos em seus *quadros sociais* através do tratamento da memória social e coletiva de cada indivíduo.

Estes princípios foram, então, decisivos para a lucidez acerca daquilo que de fato deveria ser cartografado, como já anunciamos. O uso da técnica cartográfica veio a nós assim, tal como defende Mills,²² como um instrumento capaz de fazer tais concepções materializarem-se, expressarem-se, colocarem-se à nossa contemplação. Para este autor, é a imaginação que nos distingue do simples técnico, e ela pode se cultivada com o acúmulo de experiência, com a observação, com a rotina de trabalho.

Assim, depois de alguns primeiros esboços construídos intuitivamente, buscamos o auxílio dos princípios cartográficos a fim conceder a este material primeiro características universalizantes e generalistas a tal ponto que sua visualização e compreensão se emancipassem da necessidade de muitas explicações e que, por fim, assumindo uma estrutura básica, pudesse nos auxiliar na análise posterior das diferentes trajetórias migratórias. Para esta tarefa nos foi de estimada valia a orientação do Prof. Raul Borges Guimarães do Departamento de geografia da UNESP/PP.

Descobrimos, num primeiro momento, que, da forma como foi elaborada em nosso trabalho, a figura que construímos não poderia ser chamada de mapa no

strictu senso. Tanto para Joly²³ como para Raisz²⁴ o tipo de cartografia que realizamos – intuitivamente nos primeiros esboços – se aproxima da noção de *cartograma*. Trata-se de uma tipologia de cartografia que definiu a Cartografia Especial ou Temática (este último termo sendo aquele que popularizou tal tipologia), uma cartografia *esquemática*, nos termos de Raisz, na qual “os contornos uniformes do terreno ou as locações exatas dos outros detalhes são alterados”,²⁵ uma vez que o foco central do trabalho é a busca da representação mais adequada das relações espaciais.

Da classificação dos mapas temáticos entre mapas analíticos (ou mapas de referência) e os mapas sintéticos (ou de correlação) percebemos, ainda, que estes que elaboramos remetem àqueles primeiros, “que representam a extensão e a repartição de um fenômeno dado, de um grupo de fenômenos aparentados ou de um aspecto particular de um fenômeno, sem outro objetivo além de indicar sua localização”.²⁶

Observamos não ser característica dos mapas temáticos a idéia de precisão. Portanto, na construção de nossos mapas não se considerou o sistema de referências e da projeção cartográfica, priorizando a localização pontual, as distâncias e trajetórias percorridas (como temática central), com a indicação, num primeiro plano, da direção tomada e da indicação numérica de cada ponto da trajetória. Os autores reclamados acima sustentam tal ausência de precisão para os mapas temáticos. Joly, ao tratar dos fenômenos localizáveis nos mapas aponta que aqueles sócio-econômicos podem dispensar o delineamento do relevo e também que a precisão das localizações diminui, de maneira que as medidas são cada vez mais aproximativas, senão mesmo ilusórias. Enfatiza, no entanto, a necessidade de tomar em conta os limites administrativos.²⁷ Mas mesmo tal advertência é hoje repensada por escolas cartográficas que chegam a dispensar a adaptação dos eventos cartografados aos limites administrativos, na tentativa de construção de uma cartografia essencialmente modelar e teórica, que dê conta da forma particular que os fenômenos tomam nos mais diferentes territórios e, ao mesmo tempo, seja passível de comparação e, portanto, generalização fácil.²⁸ Tratando especificamente dos mapas de migração, Raisz aponta também o caráter de representação tão somente aproximada que contem, ao relatar que nestes a rota exata da migração nem sempre é seguida.²⁹

²⁰ibidem, p. 5

²¹BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papius, 1996. p. 18.

²²MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, p. 227

²³JOLY, F. A *cartografia*. Campinas, SP: Papius, 1990.

²⁴RAISZ, Erwin. *Cartografia Geral*. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1969.

²⁵RAIZ, ibidem, p. 263.

²⁶JOLY, ibidem, p. 77.

²⁷JOLY, op. cit, p. 85.

²⁸THÉRY, Hervé. Modelização gráfica para a análise regional: um método. *GEOSP Espaço e Tempo*, n. 15, pp. 179-188, 2004.

²⁹RAIZ, op. cit. p. 269.

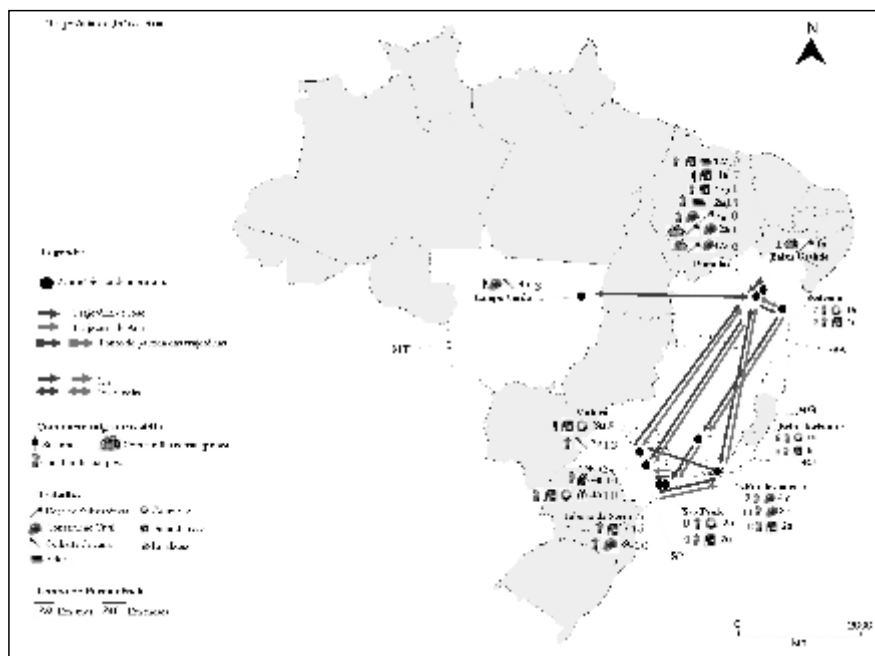
Na construção de nossos mapas, apresentados segundo as tipologias de migração diferenciadas no processo de investigação (de permanência, de circularidade, sazonal), estivemos, ainda, atentos às qualidades necessárias para construção de um bom mapa, largamente apontadas pelos teóricos da Cartografia. Quais sejam: a expressividade, a legibilidade e a eficácia na transmissão da informação.³⁰ Partimos, ainda, da diferenciação realizada por Bertin entre os “mapas para ver” de “mapas para ler”.³¹

Com vistas a tais preocupações metodológicas iniciamos o trabalho. Utilizando a base cartográfica do IBGE localizamos as cidades apontadas por nossos depoentes, realizamos ali uma implantação pontual,³² traçamos a rota entre uma e outra cidade e realizamos, no trajeto, uma implantação linear.³³ Para que o leitor pudesse se guiar na leitura do trajeto, enumeramos cada uma de suas etapas. Utilizamos os sinais convencionais³⁴ (●, ■, ◆) para a marcação da localização das cidades e inserimos, em cada ponto da trajetória, pictogramas (símbolos figurativos facilmente reconhecíveis) remetendo ao trabalho executado em cada ponto da trajetória e à localização ante o grupo familiar de convivência. A questão temporal foi resolvida indicando, com inscrições, o tempo de permanência em cada um destes pontos.

Advertimos que a informação essencial a ser transmitida nesta figura cartográfica é aquela que remete,

sobretudo, à intensidade dos fluxos, ou, em outras palavras, à quantidade de vezes em que ocorreu a migração. Esta é a “informação para ler”, segundo a definição de Bertin, que o mapa transmite de maneira instantânea e que carrega em si o poder de, na leitura do conjunto dos mapas, mostrar o que é essencial neles. As reações de alguns pesquisadores ao acessar um primeiro esboço destes mapas, apresentado em um evento científico,³⁵ confirmam esta observação. No entanto, além desta “informação para ler”, oferecemos ao leitor, aquele que se dispõe a “ler” o mapa, outras informações através dos pictogramas já aqui indicados. Eles respondem a questões essenciais das trajetórias, a alguns princípios assumidos por nós no tratamento da questão. Quais sejam, o de que trabalho e família constituem questões essenciais a serem observadas no tratamento das trajetórias individuais (discussão que será realizada a seguir). Assim, indicamos, a cada etapa destas, o trabalho executado e o tipo de agrupamento familiar ao qual cada entrevistado esteve ligado. Procurando, ainda, resolver a relação tempo/espaço, indicamos o tempo de permanência de cada depoente em cada ponto da trajetória. Mas, para aqueles que se contentarem com a visualização do fluxo, a “informação para ver” do mapa, o texto apresentado a seguir, na forma de *portraits*, dá conta de responder àquelas perguntas essenciais, que qualificam os trajetos.

O mapa seguinte ilustra um dos nove mapas analisados em nossa pesquisa.



³⁰JOLY, Ibidem, p. 117-123. ARCHELA, Roseli Sampaio. Imagem e representação gráfica. *Revista Geografia*. Londrina, v.8, n.1, jan/jun 1999, p. 5-11.

³¹BERTIN, Jacques. Ver ou ler. In: *Seleção de Textos*. Cartografia Temática. São Paulo: AGB, v. 18, p. 45-54. 1988.

³²Quando a superfície ocupada é insignificante, mas localizável com precisão. JOLY, op. cit., p. 14.

³³Quando sua largura é desprezível em relação ao seu comprimento, o qual, apesar de tudo, pode ser traçado com exatidão. JOLY, op. cit., p. 14.

³⁴Esquema centrado em posição real, que permitem identificar um objeto cuja superfície, na escala, é demasiado pequena para que possa ser tratados em projeção. JOLY, op. cit. p. 14.

³⁵MELO, Beatriz Medeiros; SILVA., Maria Aparecida de Moraes. A resistência mutante: reflexões sobre memória e território. In: V Seminário Memória Ciência e Arte: razão e sensibilidade na produção do conhecimento, 2007, Campinas. *Anais do V Seminário Memória Ciência e Arte: razão e sensibilidade na produção do conhecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007. v. 1. p. 156-158.

Cada um deles foi construído com base nas narrativas de história de vida coletadas entre os anos de 2005 e 2008, nos bairros, Cruzado I e II, *locus* privilegiado de nossa pesquisa por serem bairros constituídos por uma maioria de nordestinos, tanto sazonais como permanentes ou circulares. A opção pela metodologia da história oral está ancorada em princípios semelhantes àqueles já levantados, por tratar-se de um método capaz de realizar o enquadramento social do indivíduo. Ademais, as observações de Halbwachs sobre a íntima relação entre memória e mundo material foram nos inspiradoras neste momento em que buscávamos analisar o significado da circulação pelo território. Pois, segundo este autor, todas as ações de um grupo podem ser traduzidas em termos espaciais e, portanto, é para o espaço que devemos nos voltar para que determinada categoria de lembrança reapareça.³⁶

E foi assim que, durante a realização de entrevistas, buscamos alimentar a memória destes trabalhadores migrantes. Solicitamos que tentassem recordar sua trajetória desde a cidade de origem até a cidade onde hoje residem por meio da memória dos lugares, da memória da casa e de seus arredores, do lugar onde ela se encontra (bairro rural ou urbano, sítio, fazenda...) em relação a outros pontos fixos no espaço (outras moradias, espaços produtivos, comércio, igrejas, feiras...), dos espaços em que se transitava em determinada localidade... Algumas vezes questionávamos sobre a posse de fotografias ou objetos guardados dos espaços transcorridos, que funcionaram, diversas vezes, como “muletas de memória” eficazes no processo de rememoração.³⁷

E apesar de todos os esforços investigativos, da atenção a diversos aspectos metodológicos no momento de realizarmos as entrevistas, da utilização das “muletas de memória”, do auxílio de uma terceira pessoa que contribuiu para trazer à lembrança fatos guardados nos recônditos da memória. “Vê-se que o progresso da atenção tem por efeito criar de novo não somente o objeto apercebido, mas os sistemas, cada vez mais vastos, aos quais ele pode vincular-se”.³⁸

Da complexa trajetória de João e Ana, por exemplo, nos foi possível, depois de um trabalho demorado de recomposição da trajetória, mapear 10 cidades por onde estes passaram durante toda a vida que, entre alguns retornos, totalizaram 16 movimentos de partida e chegada (no caso de João). João é um destes trabalhadores que em algum momento da trajetória passou pelo trabalho no corte da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto, e cuja configuração da trajetória supera em muitos os modelos conceituais que buscam

definir categorias migratórias. Com a intenção, simplesmente, de agrupar trajetórias semelhantes que pudessem contribuir para o momento da análise do material, enquadrámos o caso deste casal como uma “trajetória circular”, haja vista a intensidade dos fluxos e o tempo curto vivido em cada um dos espaços, que impossibilita pensar um sentido de permanência no espaço, ou mesmo de sazonalidade (os outros dois grupos de trajetórias assemelhadas).

A experiência de migração de João e Ana, naturais da pequena cidade de Pintadas-BA, ilustra os rumos sempre incertos que tomam os membros de uma família quando a pequena propriedade rural já não pode mais ser parcelada a fim de abrigar os filhos que crescem, se casam e não encontram condições econômicas de adquirir uma outra propriedade. Foi assim que João, aos 18 anos, inicia sua jornada em busca de um lugar no mundo. Seu primeiro trabalho foi no corte da cana no Mato Grosso, depois como carpinteiro no Rio de Janeiro, no comércio ambulante em Salvador, Belo Horizonte, São Paulo e Taboão da Serra, novamente no corte da cana em Motuca, como oleiro no retorno a Pintadas. Nesta atividade João se aposenta, retorna a Ibaté e, enfim, consegue construir sua casa própria e criar os filhos num lugar onde julga se encontrar maiores possibilidades de empregabilidade.

Esta intensa circulação pelo território pode ser entendida no contexto do aumento das migrações urbana-urbana que se inicia da década de 80, depois de um período marcada pelo êxodo rural. É então que a compreensão da relação entre fluxos migratórios e classe trabalhadora se complexifica e não é mais possível se pensar nessa transição simplesmente em termos de uma proletarianização da população camponesa. Thomaz Jr. Percebe nesse movimento a *plasticidade* das diferentes formas de realização do trabalho, quando há uma generalização do processo de inclusão/exclusão precária dos pobres, quer estejam no mundo rural ou urbano, em um ou outro ramo da economia.³⁹ Como João, que passou pelo trabalho rural – no corte da cana e na olaria – e diversas formas de trabalho urbano – como a construção civil, o setor de comércio e serviços.

Acompanham estas trajetórias de intensa circulação sofrimentos e experiências de resistência bastante particulares. No caso de João e Ana observamos uma recusa ao trabalho duro dos canaviais. Num primeiro momento, no Mato Grosso, é João que nega aquilo que ele chama de “trabalho de suíno” e retorna a Pintadas para o trabalho na roça. Num segundo momento é Ana que se nega a continuar “naquela vida” em Motuca e retorna a Pintadas sozinha, dizendo a João

³⁶HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006., p. 157.

³⁷Tais fotografias produzidas pelos depoentes foram recolhidas pela pesquisadora, e os “objetos de memória” fotografados, compondo o arcabouço empírico de que este trabalho em outros momentos também se serve.

³⁸BOSI Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. (vol. 1, série 1ª, Estudos Brasileiros). São Paulo: Edusp, 1987, p. 50.

³⁹THOMAZ JÚNIOR, Antônio. Os limites da teoria, e a plasticidade do trabalho (repensar auto-crítico sobre a classe trabalhadora no Brasil). *Revista Pegada (UNESP)*, v. 7, p. 7-40, 2006.

que só volta a São Paulo quando ele estiver empregado em outra atividade. Ana estava também cansada de não ter sucesso em sua procura por um lugar no mundo e, daí, decorre o sofrimento particular de que falam tanto João quanto Ana. Neste processo sempre continuado de desterritorialização, efetuado em função da busca incessante por melhores condições de vida, muitas das conquistas materiais foram se perdendo por entre as constantes mudanças, muitos elos foram se perdendo...

Entretanto, o vínculo com o lugar de origem nunca é desfeito, o que reforça nossa percepção sobre a impossibilidade de tratar os espaços chamados de origem e destino como espaços distintos. No caso de João e Ana este vínculo é percebido em diferentes e numerosas expressões: como quando Ana deixa João em companhia de outros parentes no Rio de Janeiro e retorna a Pintadas para cuidar do pai; também no retorno à casa de seu pai quando se cansa das condições de vida em Motuca; ou mesmo nos artigos domésticos que Ana vende a conterrâneas e que, em geral, são enviados como presentes a parentes através dos ônibus que circulam frequentemente entre Pintadas e Ibaté; também nos objetos guardados por Ana que remetem à sua cidade de origem e aos vínculos preservados com a memória coletiva de seu grupo.

A análise cuidadosa destas trajetórias, através da cartografia dos deslocamentos no espaço, e o tratamento do processo migratório, através da metodologia da história oral, foi o que tornou possível a delimitação de um *território migratório* à semelhança daquele pensado por Faret:⁴⁰ um espaço composto por pontos que, embora dispersos no espaço, não podem ser compreendidos como separados e que, em conjunto, formam um espaço organizado e significativo, unicamente através do qual se podem compreender os sentidos mais profundos relacionados à experiência migratória.

Considerações finais

Ao longo deste texto expusemos duas experiências de metodologias de pesquisa visando a contribuição aos estudos migratórios. O enfoque recaiu sobre os sujeitos que estão envolvidos no processo migratório, portanto não somente os que partem como também os que ficam, aí incluídas as crianças.

A metodologia dos desenhos é uma ferramenta que permite o aprofundamento analítico dos espaços ou territórios migratórios e também do processo de constituição da *cultura migratória*, resultante do processo de transformação da sociogênese e da psicogênese. Durante a pesquisa realizada no Maranhão e também no Vale do Jequitinhonha,⁴¹ região do norte de Minas Gerais,

constatamos a formação da *cultura migratória* por meio de entrevistas com jovens e crianças. Em vários relatos, era recorrente a frase, *quando eu inteirar idade, eu vou para "Ribeirão"*. A migração permite o contato com o mundo das mercadorias da sociedade capitalista. Assim, ademais do envio do dinheiro à família que ficou, o migrante procura poupar para comprar mercadorias tais como, roupas, tênis, camisetas, óculos escuros, relógios, bicicletas, aparelhos eletrônicos, brinquedos e, até mesmo, motos. Tais mercadorias representam de um lado, o sucesso e há a sanção positiva dos que ficaram. De outro lado, elas escondem a dureza da realidade migratória, presente na separação dos membros das famílias, na abusiva exploração da força do trabalho, que, no caso do corte de cana, vitimou com a morte 23 trabalhadores, supostamente, por exaustão, no período de 2005 a 2009. Este fato provoca um mal-estar contínuo nos que ficaram, sobretudo nas mulheres, responsável pela emergência de várias doenças como hipertensão, estresse, ansiedade, depressão etc.

Portanto, a investigação precisa recorrer a outras ferramentas a fim de captar além do visível, o invisível. Os desenhos das crianças permitem a revelação destes elementos visíveis e escondidos. Eles traduzem o mundo imaginado, desejado e também aquele que é real, embora não desejado. Revelam, portanto, a contradição entre real e irreal, entre partir e ficar, entre "ir quando inteirar idade" e ficar, "não precisar trabalhar no corte de cana, jamais" (segundo o desejo de seus pais). Ao desenhar, a criança revelou às pesquisadoras seus mundos real e imaginado, fruto de suas curtas existências, porém ricas em significados.

No que tange à metodologia dos mapas, ela permite um quadro interpretativo capaz de explicar a realidade migratória sob diferentes ângulos. Os trajetos percorridos demonstram que muitas vezes não é possível uma análise linear entre lugar de origem e destino, pois os destinos e as origens são muitos. Ademais, não é possível o enquadramento rígido nas tipologias migratórias, tais como, circular, sazonal, temporária, pois as temporalidades, em muitos casos, se superpõem em diferentes espaços. Da mesma forma que o migrante leva coisas em sua bagagem, ele também parte em companhia de pessoas – membros da família, amigos, parentes -, enquanto deixa para trás, outras. Igualmente, a vida laboral não é mesma para homens e mulheres, sem contar as distintas ocupações em cada ponto de parada.

O cruzamento das reflexões advindas da Geografia e da Sociologia permitiu a análise das andanças dos migrantes não somente como deslocamento num determinado espaço, mas como sujeito histórico, portador de memória e experiência. Assim cada ponto no mapa é interpretado como chegada e ou partida e

⁴⁰FARET, L. et all. (coord.). *Migrants des Suds. Acteurs et trajectoires de la mobilité internationale*. Co-éditions IRD/PUM Toulouse/Université de Montpellier, 2007.

⁴¹Ver a respeito: SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Os errantes do fim do século, op. cit.; SILVA, Maria Aparecida de Moraes. A terra no imaginário dos migrantes temporários. *História Oral*. N. 4, jun de 2001, p. 103-120.

também como lembrança, revificação das lembranças, da memória e das tradições. Partir não significa desgarrar-se das origens. Não se trata de uma ruptura, ainda que haja divisões. Tanto entre os migrantes do Maranhão como os presentes em Ibaté, percebemos que há um processo de reenraizamento, de reterritorialização relativo à conservação das lembranças, da memória, por meio de fotos de pessoas que ficaram e também de práticas alimentares. Assim, a farinha de mandioca, o cuxá (tempero vinagreiro utilizados pelos maranhenses), a carne-de-sol dentre outras iguarias, provenientes de suas regiões de origem, continuam fazendo parte de suas dietas alimentares cotidianas.

Desta sorte, desenhos e mapas, além de entrevistas, fontes imagéticas e escritas, podem fornecer subsídios importantes à metodologia da história oral e aos estudos migratórios.

Artigo recebido em: 17/04/2009

Aprovado em: 25/08/09.